

objetivos do estudo, antecipando possíveis implicações para apoio a profissionais que atuam na área de orientação e gestão universitária.

Palavras-chave: Desenvolvimento de instrumentos de avaliação, Estudantes, Universidade.

PREOCUPAÇÕES PARENTAIS: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE PAIS E MÃES

Susana Algarvio (susana.algarvio@ispa.pt), Isabel Leal, & João Maroco

ISPA – Instituto Universitário

Este estudo é financiado por uma Bolsa de investigação em C&T com a referência SFRH/BD/32206/2006 concedida pelo Programa Operacional da Ciência e Inovação 2010

Este estudo teve como objectivo avaliar e comparar as Preocupações Parentais de pais e mães de crianças a frequentar o ensino público pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico. Os participantes constituíram 1998 mães e 224 pais de crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 10 anos.

Foi utilizada uma escala de preocupações parentais, construída por nós em estudos anteriores, constituída por 24 itens, divididos por 5 sub-escalas, problemas familiares e preocupações escolares, desenvolvimento infantil, preparação, medos e comportamentos negativos. Verificou-se que a maior média de preocupação foi obtida na sub-escala I – Problemas Familiares e Preocupações Escolares, seguida da sub-escala II – Desenvolvimento Infantil, e a menor média de preocupação na sub-escala IV – Medos, para ambos os grupos. As sub-escalas com menores médias de preocupação no grupo das mães foram a sub-escala IV – Medos e, em seguida, a sub-escala V – Comportamentos Negativos, enquanto para o grupo dos pais as menores médias de preocupação foram obtidas na sub-escala IV – Medos e na sub-escala III – Preparação. O grupo de mães obteve valores médios de preocupação superiores aos obtidos pelo grupo de pais em todas as sub-escalas. Para comparar os dois grupos escolhemos o teste *t-Student* com a correcção de Welch para a heterogeneidade de variâncias, analisado no SPSS 15. Foram encontradas diferenças significativas na escala total [$t(2210)=-3.039$; $p=0.002$] e em todas as sub-escalas excepto na sub-escala II – Desenvolvimento Infantil.

Estes resultados apontam para a necessidade de desenvolver intervenções psicológicas diferenciadas para pais e mães.

Palavras-chave: Escala de preocupações parentais, Parentalidade, Preocupações parentais.

RELAÇÃO ENTRE PERSONALIDADE E PRESSÃO ARTERIAL EM SUJEITOS NORMOTENSOS, HIPERTENSOS E HIPERTENSOS DE BATA BRANCA

Susana Bertoquini¹ (susanabertoquini@gmail.com), José Pais-Ribeiro², & Jorge Polónia³

¹Bolseira FCT, FPCE, Universidade do Porto; ²FPCE, Universidade do Porto; ³Unidade de Hipertensão e Risco CV, Hospital Pedro Hispano, Matosinhos, Faculdade de Medicina, Porto

Permanece ainda controverso se os indivíduos com pressão arterial (PA) elevada no consultório e PA normal no ambulatório (hipertensos de bata branca, HBB) apresentam características de personalidade distintas dos normotensos (NT) e hipertensos (HT). Avaliou-se se os HBB apresentam diferenças nos níveis de *neuroticismo*, *extroversão*, *abertura à experiência*, *amabilidade* e *conscienciosidade* quando comparados com os NT e HT. A amostra ($N=210$) foi constituída por 100 NT (62% mulheres, idade média 38 anos, IMC 22 Kg/m²), 55 HT (34,5% mulheres, idade média 49 anos e IMC 26,4 Kg/m²) e 55HBB (54,5% mulheres, idade média 48 anos e IMC 25,9 Kg/m²), todos sem medicação. Para avaliação das variáveis de personalidade utilizou-se o Inventário dos Cinco Factores NEO revisto (NEO-FFI-R). Os sujeitos foram classificados como NT, HT ou HBB tendo em conta a média dos 3 registos da PA no consultório e a realização de MAPA de 24 horas. Verificou-se que as médias da PA casual (sistólica e diastólica) correlacionam-se inversamente com o *neuroticismo* (PAS $r=-0,158$, $p<0,01$; PAD $r=-0,185$, $p<0,01$), com a *extroversão* (PAS $r=-0,231$, $p<0,001$; PAD $r=-0,291$, $p<0,001$) e a variável *abertura à experiência* correlaciona-se inversamente com a PA ambulatória nocturna ($r=-0,174$, $p<0,01$). Para além das diferenças nos valores da PA casual e ambulatória, verificou-se que os NT, quando comparados com os HT, apresentam maiores níveis de extroversão (29,32±3,60 vs. 27,40±4,0, $p<0,05$), não se tendo observado diferenças entre os HBB

e os HT e NT. Factores de personalidade como o *neuroticismo*, *extroversão* e *abertura à experiência* correlacionam-se com PA sistólica e diastólica sugerindo influência destas variáveis no momento da medição da PA principalmente nos HT apresentando estes níveis de extroversão mais baixos.

Palavras-chave: Adultos, Hipertensão, Hospital, Personalidade, Promoção da saúde.

AVALIAÇÃO DA ESCALA DE ESPERANÇA PARA CRIANÇAS EM ADOLESCENTES

Susana C. Marques¹ (dscmarques@mail.telepac.pt), J. L. Pais-Ribeiro¹, & Shane Lopez²

¹FPCE, Universidade do Porto; ²Department of Psychology and Research in Education, University of Kansas, USA and Gallup, Nebraska, USA

Investigação apoiada pela FCT, SFRH/BD/28423/2006

A esperança é caracterizada por Snyder (2002) como uma força humana manifestada através das capacidades para (a) conceptualizar os objectivos de uma forma clara (objectivos), (b) desenvolver estratégias específicas para alcançar esses objectivos (caminhos), e (c) iniciar e manter a motivação para aplicar essas estratégias (iniciativa). Este estudo tem como objectivo examinar as propriedades psicométricas da Escala de Esperança para Crianças com adolescentes. Participaram 227 estudantes entre os 14 e os 19 anos (58.1% do sexo feminino; idade $M=16.28$) que completaram uma bateria de questionários que incluía as versões portuguesas da Escala de Esperança para Crianças, Escala de Satisfação com a Vida para Estudantes, Escala de Auto-Estima, e o Inventário de Saúde Mental-5. Os resultados mostram uma consistência interna adequada ($\alpha = 0.80$) e uma estrutura factorial com dois factores (caminhos e iniciativa) que explicam 72% da variância total. A análise da validade de critério mostra que a esperança em adolescentes apresenta relações estatisticamente significativas com a satisfação com a vida, auto-estima e saúde mental. Os resultados mostram que a escala de esperança apresenta boas propriedades psicométricas para ser utilizada em investigação com adolescentes. Estes resultados replicam as propriedades psicométricas da Escala de Esperança para Crianças encontradas com uma amostra de crianças, reforçando a possibilidade da escala ser utilizada com adolescentes.

Palavras-chave: Adolescentes, Comunidade, Desenvolvimento de instrumentos de avaliação.

IMPACTO DA PTSD DOS EX-COMBATENTES NA FAMÍLIA

Susana Martinho de Oliveira (susana.s.m.oliveira@hotmail.com) & Alexandra Marques Pinto

Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa

A Perturbação Secundária de Stress Traumático (STSD) tem sido descrita na literatura em esposas e filhos de veteranos de guerra com Perturbação de Stress Pós-Traumático (PTSD) (e.g., Ahmadzadeh & Malekian, 2004). Separação, disfunção marital e instabilidade emocional nos filhos são consequências do impacto do trauma na família e nas relações íntimas também muito referidas na literatura (e.g., Matsakis, 2001). Os papéis de género estão bem delimitados nestas famílias, esperando-se que o homem seja forte, pouco emocional e agressivo, e que a esposa seja cuidadora, emocional, submissa e maternal (e.g., Matsakis, 1996).

O objectivo do presente estudo consistiu em avaliar o impacto da sintomatologia de PTSD e comórbida dos ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa nas esposas e filhos, e a influência da sintomatologia de STSD e comórbida das esposas nos filhos, mediante a aplicação de um conjunto de questionários de auto-relato. A amostra incluiu 66 famílias, preenchendo os ex-combatentes os critérios de diagnóstico de PTSD. Este estudo veio corroborar a existência de STSD nas esposas destes ex-combatentes e a influência da sintomatologia comórbida destas sobre a dos filhos. 41% das esposas referiram como acontecimento mais traumático da vida a exposição aos sintomas de irritabilidade, agressividade e ameaças de morte pelo marido. Verificou-se ainda que a sintomatologia traumática evidenciada por 18% dos filhos não está relacionada com a PTSD do pai nem com a STSD da mãe, surgindo sim associada ao seu género (feminino), reforçando assim que as mulheres revelam uma predisposição mais elevada para desenvolverem PTSD do que os homens.

Palavras-chave: Adultos, Família, Prevenção secundária ou terciária.